



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Imagem e Mulher: A Representação Feminina nas Capas de Rap

José Pedro Oliveira Mascarenhas (1); Romênia Gomes de Oliveira (2)

(1) Estudante do 2º semestre do curso de Design da Universidade Federal do Cariri (UFCA). Email: jpomascarenhas@gmail.com

(2) Estudante do 6º semestre do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Cariri (UFCA). Email: romenia.go@gmail.com

Resumo: Este artigo tem como objetivo investigar como é comunicada visualmente a imagem da mulher nas capas dos álbuns de artistas de rap. Deslocando-se do gênero sexual protagonista, o masculino, ao qual o rap é atrelado, é interessante analisar de que forma seria exibida a mulher, quando por ventura ela é exibida, visto que ela não é o perfil mais comum nessas visualidades. Considerando que visualizar é ser capaz de formar imagens mentais, as representações exibidas nessas capas são capazes de perpetuar papéis/lugares sociais para as mulheres no imaginário do público consumidor da cultura do rap, a partir do estereótipo pelo qual são abordadas nessas imagens, criadas pelos homens já consolidados nesse cenário. A metodologia se dá pela pesquisa bibliográfica de imagem, gênero e representação da mulher nas artes visuais e pela análise de duas capas de álbuns do gênero musical de rap, através dos trabalhos dos artistas Travis Scott em ‘Astroworld’ e Kanye West com ‘I love It’, para desconstruir a visão homo centrada com que é realizada a representação feminina nesse meio.

Palavras-chave: Rap; Imagem; Mulher, Capas

Introdução: Sabe-se que é o determinismo definido coletivamente em sociedade que caracteriza a forma que cada gênero deve seguir ao nascer. Historicamente, para as mulheres, ficou posto a passividade, maternidade, submissão entre outros. Portanto, coube ao homem, o poder, o trabalho, a legitimação, ser a fonte de renda da casa, o dominador do outro gênero etc. Por

isso, o órgão sexual esteve, e ainda está atrelado às concepções de gênero até hoje.

É por razões históricas como essa que existe um grande abismo quanto à presença feminina em manifestações político-culturais. O lugar da mulher era em casa, cuidando do lar e dos filhos, e é por essa razão que a mulher dá a si mesma uma importância soberana porque nenhum objeto



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

importante lhe é acessível (BEAUVOIR, 2016).

As teorias de gênero buscaram desenvolver estudos para desconstruir as teorias que atribuíam as diferenças de gênero apenas a biologia dos corpos. O gênero, portanto, não corresponde somente ao corpo, mas a um agrupamento de significados sociais designados de acordo com o sexo

de nascimento. E é de acordo com o sexo que a cada corpo foi atribuído funções, considerando o aspecto físico.

Foi a partir dos estudos e movimentos feministas, que a mulher passou a reivindicar o direito à vida pública e lugar nos espaços de poder, buscando adquirir reconhecimento social pelo papel desempenhado ao longo dos anos e que já não lhe satisfaziam mais.

Sendo do homem o poder, foi ele quem determinou e legitimou os direitos e deveres masculinos e femininos, foram eles que ocuparam os espaços de discurso na política, na mídia, na ciência e aonde quer que fosse possível impor normas. Consequentemente, os homens usaram de todas as ferramentas possíveis para deixar

tudo a seu favor. “Tudo o que os homens escreveram sobre as mulheres deve ser suspeito, porque eles são, a um tempo, juiz e parte”, escreveu, no século XVII, Poulain de la Barre.

Sendo a imagem uma ferramenta de discurso poderosa, capaz de alterar a maneira de percepção do mundo, ela também foi usada em favor dos homens, sendo utilizada como uma forma de perpetuar modelos estabelecidos. As mulheres, de maneira geral, tiveram sua história atravessada pelo discurso masculino dominador.

A figura feminina, portanto, passou décadas sendo representada sob o olhar masculino, que sempre a representava de maneira a despertar prazer sexual nos homens e a transmitir para as mulheres, quando estas assistiam, suas limitações e restrições sociais, tentando internalizá-las como naturais. Além disso, a imagem da mulher era representada com o intuito de impor a hierarquia social, exibindo o corpo como mero objeto sexual e estereotipado, de acordo com os padrões vigentes em cada época, anulando a mulher do seu direito de ser social e sujeito pensante.

O rap, é um gênero musical que surgiu na década de 70 no Bronx, bairro de



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Nova York, os homens constituem a maioria de seus artistas, e a representação da mulher nas visualidades desse gênero não foi muito diferente. O espaço ocupado pelas mulheres, é representado de acordo com o olhar masculino, é essa representação que foi investigada através de dois trabalhos visuais. São eles, as capas de Travis Scott em 'Astroworld' e Kanye West com 'I love It'.

Referencial teórico: Entendendo a mulher como um sujeito definido a partir do homem, Beauvoir afirma (2016) “não se nasce mulher, torna-se mulher”. Com isso ela quer dizer que, na verdade, ser mulher não significa nascer do sexo feminino, mas o fato de ao nascer, a fêmea e o macho assumirem papéis pré estabelecidos, culturalmente construídos no decorrer da história. A distribuição desses papéis se configura de acordo com os lugares sociais ocupados por cada um, e o da mulher, não foi ela quem decidiu.

A distinção desses mundos, também, se configura pela defesa e pela distribuição dos lugares sociais, das normas de conduta moral e pela preservação dos valores em oposição. A relevância maior, no entanto, está na concepção dessa diferença sexual em termos de dominação e controle da mulher, promovendo uma desigualdade que está integrada em

todo o sistema de relações sociais, sob formas diversas, desde tempos remotos, sendo sistematicamente apresentada pelos patriarcas da Bíblia, pelos filósofos da antigüidade até os pensadores da modernidade quando uma consciência reflexiva em torno do tema tem sido despertada e ampliada. (DA SILVA, p.34, 2006)

A mulher se encontra dominada por todo um sistema de controle. A imagem é mais uma ferramenta de manutenção dessa dominação. Uma fotografia já é um recorte, e cada recorte é realizado com uma intenção buscando representar algo, com o fim de transmitir uma informação, significado ou mensagem, criando uma nova realidade a partir daquela imagem construída. “Algumas imagens que representam a mulher são determinantes para construí-la enquanto fetiche, objeto de desejo socialmente construído, a fim de estimular as fantasias eróticas de um público supostamente masculino e heterossexual”, (BOTTI, 2003). A Botti (2003) ainda diz que, o corpo feminino é aquele que geralmente hospeda o fetiche para o gênero masculino, porém, o contrário não acontece com a mesma frequência ou intensidade.

Historicamente, é através da imagem que é imposto o ideal de



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

feminilidade, e é através desse ideal que a mulher tem sua subjetividade anulada e se torna uma mercadoria.

As diferentes linhas teóricas ligadas ao cinema e ao feminismo partem da teoria de Lévi-Strauss sobre a mulher como objeto de troca, “mercadoria” fundamental para a estabilidade social, na qual deve permanecer como “infraestrutura” irreconhecível, tanto social como culturalmente. Isto estaria ligado diretamente ao status da mulher na sociedade capitalista. O que esta propõe é a eliminação da subjetividade feminina em detrimento de sua comercialização. (GUBERNIKOFF p.117, 2016)

É muito comum encontrar mulheres em campanhas publicitárias de conteúdo diverso, até mesmo, e principalmente, quando o produto tem como público-alvo os homens. A mulher acaba sendo utilizada com um forte apelo sexual com o objetivo de sensibilizar o consumidor para a compra de um produto. “O desejo é a chave para o entendimento destas imagens, e pode ser culturalmente decifrado a partir de alguns códigos que se articulam enquanto uma mensagem erótica: a indumentária utilizada pela modelo, o olhar direto para a câmera, a postura corporal, o cenário e os objetos escolhidos, entre outros elementos,

são intenções pensadas e construídas”, afirma Botti (2003). Sendo assim, a fotografia montada por homem com o intuito de representar uma mulher, é construída com um conjunto de ideias visando tornar a mulher uma imagem sexual convidativa.

No rap, gênero musical, também há uma dominação masculina. O rap tem suas origens no bairro do Bronx na cidade de Nova York, na década de 1970. Nessa época o bairro vinha sofrendo as consequências de políticas habitacionais que deixavam a população dessa localidade, de maioria negra e imigrante, em esquecimento, favorecendo o surgimento de gangues que acolhiam os jovens sem perspectiva de futuro. Em consequência desse abandono e da discriminação sofrida por essa população, os índices de violência e miséria só aumentavam. Inspirado no sucesso das discotecas, começou a surgir o Hip Hop, movimento que abrangia o rap, o graffiti e o break.

Nos Estados Unidos e no Brasil, inicialmente, os elementos que hoje constituem o hip hop estavam mais direcionados ao lazer, ao divertimento, e como mecanismo de contenção da violência. Porém, por meio do aprimoramento dos elementos artísticos e das organizações dos grupos de dança e música, que no hip hop denominam-se “posses” ou crews (grupos de dança ou grafite) que o movimento emergiu como uma organização social



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

capaz de unir os jovens em manifestações artísticas que propiciam uma interpretação política de sua própria condição. (ANDRADE, 1996)

“Entre os três elementos que constituem o movimento hip hop, o rap tem se destacado como o principal representante. A sua constituição em termos históricos se prende a fusões culturais e reelaborações musicais relacionadas à tradição cultural afro-americana...” afirma Silva (1998). Sendo assim, o rap era uma alternativa para o caminho das gangues e violência. Posteriormente, ele seria uma ferramenta de representatividade e reivindicação de direitos por parte dessa população marginalizada.

Até a atualidade ainda é muito forte e importante esse engajamento político em combate a violência e discriminação, além de promover a união das populações periféricas. Artistas usam de sua visibilidade, alguns em escala global, para contar suas vivências e promover seus discursos de igualdade. Hoje, rap é um fenômeno mundial, adquirindo cada vez mais admiradores, no entanto, é importante falar que esse sucesso atrai produtores que não estão preocupados com essa história de luta e só se aproveitam do sucesso do estilo.

Hoje, a ideia revolucionária com que surgiu o rap já não é mais tão comum, o estilo foi mudando com o tempo, e atualmente as letras, as roupas, as danças e tudo que compõe o estilo narram outras situações. “A novidade do rap foi criar um processo identitário poderoso fora da chave “nacional-patriótica”, que havia marcado, por exemplo, a experiência do samba”, como afirma Teperman (2015).

Assim como em outras manifestações artísticas, o rap tem protagonismo masculino, e como resultado de uma sociedade machista e patriarcal, os homens desse gênero construíram o rap de acordo com a visão dos espaços em que viviam, narrando a mulher de acordo com a própria visão, que apenas revela o machismo já presente na sociedade.

Metodologia: Joly (2003) afirma que a imagem mental corresponde à impressão que temos quando, por exemplo, lemos ou ouvimos a descrição de um lugar, a impressão de o ver quase como se lá estivéssemos. Uma representação mental é elaborada de um modo quase alucinatório e parece pedir emprestadas as suas características à visão. Se ao pensarmos no rap, imediatamente imaginamos homens negros cantando, por que são as



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

mulheres seminuas que ilustram as capas dos albúms?

Entendendo que a imagem suscita significados, e portanto, resultam em interpretações, analisaremos as capas através do conceito de semiótica proposto pela Martine Joly.

Ainda que as coisas nem sempre tenham sido formuladas deste modo, podemos dizer, agora, que abordar ou estudar certos fenômenos sob o seu aspecto semiótico é considerar o seu modo de produção de sentido, por outras palavras, a maneira como eles suscitam significados, ou seja, interpretações. Efetivamente, um signo é um signo apenas quando exprime idéias e suscita no espírito daquele ou daqueles que o recebem uma atitude interpretativa. (JOLY, p. 30, 2003)

Sendo assim, fica compreendido que interpretamos o mundo de acordo com a socialização que ocorre ao longo da vida, sofrendo portanto, fortes influências culturais e geográficas.

A semiologia também é uma teoria que utilizamos para analisar as imagens. “ Esta coisa de que nos apercebemos significa algo diferente – é a particularidade essencial do signo: estar lá, presente, para designar ou significar outra coisa ausente”,

diz Joly (2003) sobre os signos. De acordo com a semiologia, entendemos que o modo como a mulher está e não está vestida nas visualidades do rap possui seus significados, é sobre eles que nos detemos.

A mulher nas visualidades do rap

O terceiro álbum de estúdio do rapper Travis Scott, lançado no dia 3 de agosto de 2018, tem esse nome como referência ao parque de diversões Six Flags AstroWorld, localizado na sua cidade natal, Houston. Seu fechamento em 2005 foi um marco na vida do cantor, quando ele começou a fazer música como diversão. Esta obra possui duas capas, sendo ambas fotografias assinadas por David LaChapelle, fotógrafo estado unidense famoso por seus trabalhos para revistas de moda como a Vogue.

Imagem 1 - Capas do Travis Scott



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero



Fonte: Perfil oficial do Travis Scott no Twitter (2018)

A primeira e principal capa, divulgada no dia 31 de julho na conta oficial do instagram do Travis, traz a temática do parque de diversões que fez parte de sua infância. Nela é mostrado o parque funcionando de dia,

exaltando a alegria trazida pelo local. No centro da imagem está uma cabeça inflável dourada gigante do rapper com a boca aberta, de onde saem luzes amarelas e fumaça, funcionando como a entrada do parque. Na frente do parque, do lado esquerdo, estão postos um foguete apontado para cima, como se estivesse pronto para o lançamento, ao lado encontra-se um globo de metal rodeado por um letreiro cujas letras visíveis são world, indicando que a palavra completa é o título do álbum: ASTROWORLD. Ao lado desse globo está posta uma estátua de metal de um guerreiro voltado para o globo fazendo reverência a ele. Do lado direito há uma grande seta cheia de lâmpadas que sai do chão e se curva apontando para o centro, onde se localiza a entrada do parque, ajudando a guiar o olhar do espectador e na centralidade da imagem. As pessoas que aparecem na imagem são famílias entrando no parque, um jovem varrendo o chão, e duas crianças que aparecem no primeiro plano da fotografia, sendo a primeira, uma criança negra pulando com um copo de refrigerante em uma mão e na outra um balde de pipocas que estão sendo jogadas para cima, demonstrando sua felicidade de estar no parque. A segunda criança está levando um pirulito para sua boca com uma mão e segurando seu balde de



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

pipoca com a outra. Atrás se localiza o parque, que é melhor visto na versão expandida da imagem que mostra o título do álbum como um letreiro sobre uma grande tenda, ao lado uma roda gigante, do outro lado se encontram outra tenda e um trailer com o nome do artista. Com relação às cores utilizadas se percebe um forte uso das cores primárias vermelho, amarelo e azul. Tal combinação é utilizada para exaltar alegria e chamar a atenção de quem a vê.

A segunda capa apresenta a mesma estrutura da primeira, no entanto as diferenças começam primeiramente perceptível na cor mais escura do céu. A cabeça inflável agora possui uma iluminação avermelhada vinda do lado direito, ainda nessa lateral, a seta apontando para a entrada está vermelha agora com luzes amarelas ligadas, o carro abandonado está em chamas. Do lado direito é possível perceber mais duas estátuas de metal voltadas para o globo, encobertas pela criança pulando na outra capa. Além desses elementos, as pessoas retratadas também mudaram, motivo para a escolha desse álbum como um dos focos deste artigo. Para compor essa capa, acompanhando essa alteração na atmosfera da imagem, são colocadas mulheres

seminuas e nuas trajadas como dançarinas de clubes noturnos prontas para uma apresentação. Duas estão na entrada, mas são pouco visíveis devido a distância e a fumaça e luz. Logo à frente, ainda no centro, está uma modelo fazendo contorcionismo e olhando para o espectador, à direita há mais três modelos, sendo duas em pé de semi perfil uma atrás da outra, ambas segurando uma alça ligada a uma caixa de vidro sobre rodinhas, onde se encontra a terceira modelo. Para finalizar, à esquerda há um banco de carro roxo com três corações amarelos pichados e remendado com fitas adesivas, sobre o banco se encontram a figura de ação do Travis, originário de seu primeiro álbum de estúdio, o Rodeo, no qual o boneco está na capa e é personagem do vídeo em stop motion da música 90210. Assim como na primeira capa a caixa do boneco também está presente na segunda, mas dessa vez mais perceptível, no chão vizinho ao banco. Ao lado do boneco encontra-se uma modelo sorrindo, nua, deitada de semi perfil, cobrindo o seio com a mão esquerda e com a direita sobre suas nádegas. Em seu pescoço está uma gargantilha que é possível ver as letra NAS, fazendo entender que a palavra completa é



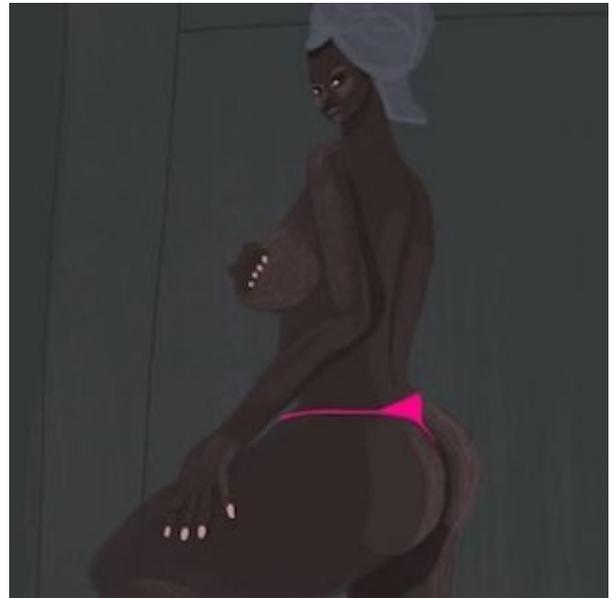
XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

nasty que pode ser traduzida do inglês como perverso ou obsceno. As cores utilizadas para essa segunda capa ajudam na criação dessa atmosfera erótica. A cor avermelhada da luz sobre a cabeça inflável gigante, o amarelo da fumaça saindo da boca, o lilás do sofá, o tom de azul noturno no céu e o fogo no carro abandonado.

Já o “I love It” é um single, lançado pelos rappers Kanye West e Lil Pump no dia 7 de setembro de 2018. Sua capa foi desenvolvida pela artista Shadi Al-Atallah. A imagem é a pintura de uma mulher negra usando apenas uma toalha cinza na cabeça e uma calcinha pequena na cor rosa. A mulher retratada olha diretamente para o receptor, ajudando a prender o olhar. Ela está tapando seu seio farto com uma mão e a outra se encontra sobre sua coxa, indicando que estava posando para a pintura. O fundo cinza escuro ajuda a dar destaque para a cor da pele da modelo. Neste cenário em que as cores utilizadas são escuras e neutras, o rosa chamativo chama atenção para as nádegas também fartas da modelo, além de contribuir para a atmosfera erótica da imagem.

Imagem 2 - Capa do Kanye West



Fonte: Wikipedia (2018)

Nas duas capas as mulheres estão nas mesmas posições, de costas com o rosto direcionado para trás, com mãos no seio, seminuas, e as nádegas em evidência. Na primeira capa, produzida por um homem, há uma aura de vulgaridade sustentada pelo ambiente, o chão sujo, o salto alto, as mãos presas, uma das mulheres presa numa caixa e os acessórios na cabeça e no pescoço das mulheres lembram um clima de festa e depravação.

Na capa do Kanye West, que foi produzida por uma artista mulher, já há uma aura diferente, a foto transmite intimidade e revela um clima passional, transmite que a mulher desenhada exibida após o banho



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

permitiu que a foto fosse tirada naquele momento e mostra uma tranquilidade e sensualidade.

Tal sexualização do corpo feminino não é inocente, em especial em relação à participação do Kanye em *I Love It*. Na música *Violent Crimes*, a qual encerra o último álbum de estúdio lançado pelo rapper, denominado “ye”, ele se vê apreensivo em relação às suas filhas crescendo ao redor de homens que só as veem objetos de satisfação de suas vontades. Quando perguntado, durante uma entrevista no programa Jimmy Kimmel Live, se havia mudado suas atitudes em relação às mulheres depois do nascimento de suas filhas, ele responde que não e que ainda continua visitando o site de pornografia Pornhub. Após essa fala, o site presenteou West com uma conta premium vitalícia gratuita e houve a colaboração do rapper na direção criativa do evento inaugural de premiação da indústria adulta Pornhub Awards no dia 6 de setembro de 2018, quando houve o lançamento da música e videoclipe.

As duas obras possuem em comum a escolha de espaços já conhecidos pela objetificação do corpo feminino para o lançamento e divulgação. Antes do lançamento oficial do Astroworld foram

colocadas réplicas da cabeça gigante do Travis em diversas cidades e locais nos EUA. Desde o telhado do Hard Rock Café na Times Square em Nova Iorque até o telhado do Magic City, famoso bar de striptease localizado na cidade de Atlanta.

Considerações Finais

Ao analisar as imagens e os locais de divulgação dos trabalhos, nota-se que há uma manutenção no cenário do rap que, além de estereotipar o corpo feminino, torna-o hiper-sexualizado e objetificado, sempre exibindo como um produto a ser consumido pelo público masculino e, portanto, tornando-o atrativo para esse público ao expor mulheres seminuas.

As obras não usam imagens reais, de mulheres comuns, mas sim representações de algo que se aproxima melhor do que é interessante para o olhar do consumidor, oferecendo a imagem feminina como um objeto de desejo que atrai para o consumo do que se propõe a ser vendido, no caso, a música.

A capa alternativa do Astroworld e a do *I Love It* carregam simbolismos semelhantes quanto a representação da mulher. A forma extremamente sexualizada com que elas aparecem nas capas se repetem



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

nas músicas, nos videoclipes, na divulgação etc., e não apenas nessas obras ou nesses artistas, mas em todo o gênero Hip-Hop/Rap/Trap. Este dominado pela presença masculina e que tem a ostentação como forma de visibilização desses personagens/autores, os quais em geral são homens negros cujas vidas foram marcadas pela marginalização, violência e preconceito racial. O próprio gênero traz em suas origens essa necessidade de busca por espaço e voz, com o intuito de relatar tais vivências. No entanto, a sociedade de origem desses músicos é dominada pelo machismo, dessa forma o determinismo relacionado à posição social da mulher juntamente com a deturpação de sua imagem na objetificação de seus corpos são perpetuadas pelos mesmos sujeitos que denunciam realidades abusivas. Assim a mulher se torna apenas mais uma coisa a ser esbanjada ao lado dos itens de luxo em suas vidas e trabalhos.

Referências

ANDRADE, E. N. Movimento negro juvenil: Um estudo de caso sobre jovens rappers de São Bernardo do Campo. Dissertação de Mestrado não-publicada, Faculdade de

Educação, Universidade de São Paulo, SP. 1996.

BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo: a experiência vivida, vol 2 / Simone de Beauvoir; tradução Sérgio Milliet. - 3 . ed. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BOTTI, Mariana Meloni Vieira. Fotografia e fetiche: um olhar sobre a imagem da mulher. cadernos pagu, n. 21, p. 103-131, 2003.

DA SILVA, Elizabete Rodrigues. Ser Mulher: Uma construção social. Revista N. 01 Janeiro de 2006, p. 33. 2006.

EM BRANCO, Quadro. **isso NÃO É a análise de um disco de rap.** 2018. (17m04s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5aFo0zdQ09c>> Acesso em: 19 de nov. de 2018.

GENIUS MEDIA GROUP INC. Genius, 2018. Página do single I Love It. Disponível em:

<<https://genius.com/Kanye-west-and-lil-pump-i-love-it-lyrics>> Acesso em : 19 de nov. 2018

GENIUS MEDIA GROUP INC. Genius, 2018. Página do álbum Astroworld.

Disponível em:

<<https://genius.com/albums/Travis-scott/Astrworld>> Acesso em : 19 de nov. 2018



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

GUBERNIKOFF, Giselle. Cinema, identidade e feminismo. São Paulo: Editora Pontocom, 2016.

IANDOLI, Kathy. Travis Scott searches for happiness while creating his 'Astroworld' album. XXL Magazine, Nova Iorque, 9 de jan. de 2018. Disponível em: <<http://www.xxlmag.com/news/2017/01/travis-scott-astroworld-album/>> Acesso em: 19 de nov. de 2018.

JOLY, Martine; **IMAGEM**, A. os Signos. Trad. Laura Carmo Costa. Lisboa: Edições, v. 70, 2005.

KIMMEL LIVE, JIMMY. Jimmy Kimmel's Full Interview with Kanye West. 2018. (21m42s). acesso 19 de nov. de 2018 <<https://www.youtube.com/watch?v=PmZjaYdS3fA&feature=youtu.be&t=13m21s>> 19 de nov. de 2018.

MOJICA, Nick. Giant inflatable Travis Scott heads appear on landmarks nationwide. XXL Magazine, Nova Iorque, 31 de jul. de 2018. Disponível em: <<http://www.xxlmag.com/news/2018/07/giant-gold-travis-scott-heads-appear-on-landmarks-nationwide/>> Acesso em: 19 de nov. de 2018.

RUNQUIST, Karsten. Astroworld: Storytelling Through Sound | Video Essay.

2018. (11m46s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NTWtinaIPLY>> Acesso em: 19 de nov. de 2018.

SCOTT, Travis. ASTRO !!! CANT WAIT FOR YALL TO SEE THESE VIBES WE COOKING UP travisscott.com/tour AHHH smarturl.it/ASTROWORLD. 2 de out de 2018. Twitter: @trvisXX. Disponível em: <https://twitter.com/trvisXX/status/1047239191183220737>. Acesso em: 19 de out de 2018.

SCOTT, Travis. THE PARTY NEVER ENDS smarturl.it/ASTROWORLD. 26 de set de 2018. Twitter: @trvisXX. Disponível em: <https://twitter.com/trvisXX/status/1045009059504484352>. Acesso em: 19 de out de 2018.

SILVA, José Carlos Gomes da et al. Rap na cidade de São Paulo: música, etnicidade e experiência urbana. 1998.

SNAPES, Laura. Kanye West creative directs inaugural Pornhub awards. The Guardian, Londres. Disponível em: 7 de set. de 2018 <<https://www.theguardian.com/music/2018/sep/07/kanye-west-creative-directs-inaugural-pornhub-awards>>. Acesso em: 19 de nov. de 2018.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

TEPERMAN, Ricardo Indig. O rap radical e a "nova classe média". Psicologia USP, v. 26, n. 1, p. 37-42, 2015.